

Na pele que se habita: vivências de homens negros gays na universidade.

Antonio de Moura Fé¹
Rafael Fernandes de Mesquita²
Rafael Martins de Meneses³

Resumo: Esta pesquisa possui como objetivo geral analisar as vivências de estudantes negros gays cisgêneros, a partir da entrada nos cursos de graduação da Universidade Federal do Piauí. Utiliza uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo e crítico. Os dados foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas com estudantes negros gays da UFPI. Foram realizadas entrevistas presenciais e sessões virtuais pela plataforma digital do *Google Meet*. Os relatos de estudantes negros gays cisgêneros contribuem para uma compreensão mais ampla das interseccionalidades entre raça, gênero e sexualidade na educação superior e como essas intersecções moldam as experiências e as oportunidades dos estudantes, reafirmando e rompendo papéis sociais historicamente estabelecidos. Nas falas dos entrevistados também se percebe os processos de reprodução do racismo e da homofobia no cenário universitário, pois os alunos negros gays se deparam constantemente com diversas formas de violências que estão enraizadas socialmente.

Palavras-chave: Gays negros. Ensino superior. Estudantes negros. Interseccionalidade.

¹ Mestre em Políticas Públicas. Universidade Federal do Piauí. E-mail: mourafe@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3799128609364182>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7771-638X>.

² Doutor em Administração de Empresas. Professor do Instituto Federal do Piauí. E-mail: rafael.fernandes@ifpi.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2999577236068634>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4953-4885>.

³ Mestre em Educação Profissional Tecnológica. Instituto Federal do Piauí. E-mail: rafaelmartins@ufpi.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4609135350035747>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4092-2133>.

Discutir temas relacionados as masculinidades negras gays é relevante, pois o debate emerge a partir dos discursos das questões sociais, políticas e acadêmicas, largos eixos de influência sobre toda uma trajetória de uma etnia não-branca, relacionada com uma orientação sexual divergente do padrão hegemônico heterossexual. Esta pesquisa se molda com base em diversos teóricas/os que discutem a temática de gênero, raça e racismo, como bellhooks (2019), Frantz Fanon (2021), Grada Kilomba (2019), Karla Akotirene (2020), Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), dentre a demais referências incorporadas neste trabalho.

Os caminhos a serem percorridos remetem a diálogos de suma importância, porque se refletem em diversos níveis, desde a superação de estereótipos que limitam a imagem do homem negro até a busca por direitos e justiça para essa população historicamente marginalizada.

Além disso, para melhor compreender uma realidade que muitas vezes só consegue ser inferida, é preciso investigar a contingência das experiências de pessoas negras nas universidades. Ignorar a existência de um problema é uma maneira de evadir de seu confronto. Logo que, pesquisar sobre negritude, racismo, preconceito, é algo que nos faz perceber novas problemáticas para também novas discussões.

Essa pesquisa emerge com o objetivo geral de analisar as vivências de estudantes negros gays, a partir da entrada nos cursos de graduação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Nessa direção, foram realizadas entrevistas com estudantes da UFPI, para ouvir as suas experiências interseccionais entre raça, gênero e sexualidade. A complexidade dessas questões perpassa reflexões de como os estereótipos de gênero e raça se interseccionam, como as masculinidades negras gays são construídas, reproduzidas e moldadas em cursos universitários e como os estudantes negros vivenciam essas identidades no cenário acadêmico.

Então, precisamos expandir mais as discussões sobre a construção e vivência de tais masculinidades, no âmbito acadêmico, a fim de que ocorra mais visibilidade, representatividade e voz na sociedade como um todo. Mediante a construção de

conhecimentos críticos e reflexivos sobre si mesmos, os homens gays negros podem se tornar agentes de transformação social.

Assim, a importância das vivências e a construção das masculinidades negras gays na universidade justifica-se pela relevância que esse tema tem para a construção de uma sociedade plural, inclusiva e antirracista, sendo imprescindível para estabelecer uma representatividade étnica e das sexualidades dissidentes que tradicionalmente foram excluídas dos espaços institucionais.

Ações afirmativas e cotas para negros na universidade

As ações afirmativas e cotas para negros são temas que geram bastante polêmicas e discussões no nosso país, pois enquanto uns defendem que essas medidas são necessárias e urgentes, como forma de corrigir as desigualdades históricas e promover inclusão social, outros argumentam que elas são injustas, associadas a esmolas e possui caráter discriminatório.

O sistema de cotas raciais, segundo Tavares (2008), apareceu nos Estados Unidos, em 1961, sob a presidência de John Kennedy, como uma medida de ação afirmativa para combater os efeitos prejudiciais das leis de segregação que vigoraram de 1896 a 1954. Essas leis impediam que os negros frequentassem as mesmas escolas que os brancos americanos, assim como outros espaços, como preconizava o sistema do apartaid.

No intuito de suplantar as disparidades socioeconômicas e promover uma maior equidade social, o Brasil adotou, em 2003, o sistema de cotas para negros nas universidades brasileiras, por meio da Lei de Cotas (Lei nº 10.558). Essa lei determinou que as universidades públicas federais reservassem pelo menos 50% de suas vagas para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, sendo que metade dessas vagas deveria ser destinada a estudantes negros, pardos ou indígenas.

Essas ações afirmativas têm como principal objetivo promover a inclusão e a igualdade de oportunidades para todos os grupos historicamente marginalizados, em especial os negros e as pessoas de baixa renda, já que na sua forma conceitual de “ação afirmativa” no que concerne as políticas públicas e privadas, tem o compromisso de reparar as consequências do processo discriminatório que historicamente se mantém enraizados nos grupos sociais minoritários (Gomes, 2005).

As ações afirmativas se instituem como processos efêmeros que idealizam uma reparação histórica de discriminação e escravidão no passado do povo preto, ao mesmo tempo em que almejam agilizar os caminhos que levem a igualdade para todos os que estão inseridos nas minorias étnicas raciais, expostas as vulnerabilidades sociais, garantindo a diversidade e o pluralismo social, que é fundamental para uma democracia social. Aqui, pode-se afirmar que elas representam ações concretas que tornam possíveis os direitos à igualdade, caracterizando pelo respeito à diferença e à diversidade, transitando nas igualdades de oportunidades para todos (Piovesan, 2005).

Como resultado das lutas de ações afirmativas para concretizar a universalidade da política nacional em relação às comunidades negras, às quais a política de cotas se evidencia como uma ferramenta essencial que contribui para corrigir as desigualdades históricas oportunizando novas chances de acesso e vivência para o povo negro. Todavia, quando se trata da educação escolar para negros, pesquisas científicas demonstram que ao longo dos anos da história da educação brasileira, os negros sempre foram excluídos das instituições de ensino.

Uma das principais críticas às cotas para negros na universidade brasileira é a ideia de que elas promovem uma espécie de discriminação reversa, privilegiando um grupo em detrimento de outros. Essa visão desconsidera o fato de que as cotas têm como objetivo corrigir desigualdades históricas e estruturais que afetam grupos minoritários, como os negros.

Uma corrente de pensamento contrária às cotas raciais argumenta que qualquer pessoa que se dedica aos estudos é capaz de ingressar em uma universidade. Na visão

adotada por esse grupo, a reserva de vagas implica na violação do princípio de igualdade entre todos, como estabelecido pela Constituição Federal brasileira. Outra crítica bastante comum é de que a “Lei de Cotas” compromete a qualidade do ensino superior, com uma imaginável redução na qualidade do ensino em detrimento do desempenho do cotista (Garcia; Jesus, 2015), ao permitir que estudantes menos qualificados ingressem nas universidades. No entanto, estudos demonstram que essa visão não se sustenta, já que os alunos cotistas têm desempenho acadêmico semelhante ou até mesmo superior ao dos demais alunos, e já demonstravam esses identificadores efetivos antes mesmo dessas políticas de Leis de Cotas (Vieira; Dell’agli; Caetano, 2019).

Apesar das críticas e dos desafios enfrentados na implementação dessas políticas, os estudos mostram que elas têm um impacto positivo tanto para os estudantes cotistas quanto para a qualidade do ensino nas universidades. Portanto, é fundamental continuar aprimorando essas políticas para garantir uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Pereira (2012), o Sistema de Cotas aprovado não resolve o problema estrutural da educação superior, no Brasil, tanto pública quanto privada. Além disso, essa não é a intenção do sistema. É imprescindível e necessário melhorar a qualidade do ensino público, oferecer incentivos financeiros para que crianças de baixa renda permaneçam na escola e implementar todos os mecanismos possíveis para promover a igualdade de oportunidades desde o início da educação básica. A implantação de cotas para negros tornou-se um longo combate de natureza reformista e de caráter democrático, que educa ou mobiliza os negros politicamente, e acima de tudo, questiona a secular opressão racial desse país.

Interseccionando referências teóricas: discussões de raça, gênero e sexualidade e os contextos da universidade

Na obra de Florestan Fernandes (2013), “*O negro no mundo dos brancos*”, o autor destaca a divisão de classe, a partir da reflexão de que a estrutura da sociedade colonial foi concebida para favorecer os grupos majoritários em hegemonia, evidenciando uma organização social que privilegiava amplamente os interesses, valores e perspectivas da população branca dominante, em detrimento da dominação dos grupos minoritários, os negros. O autor reitera que pessoas negras foram expostas a um mundo social que se organizou para os segmentos privilegiados da raça dominante. Eles não foram inertes a esse mundo. Ao contrário, foram ativamente moldados e afetados por essa estrutura, enfrentando desafios, lutas e resistências em meio a um ambiente que muitas vezes o excluía e o marginalizava. “O negro permaneceu sempre condenado a um mundo que não se organizou para tratá-lo como ser humano e como ‘igual’” (Fernandes, 2013, p. 30).

Essa realidade também se reflete no contexto cotidiano de pessoas negras. Nesse ínterim, Grada Kilomba (2019) afirma que o Racismo Cotidiano gera discursos, linguagens, expressões, atitudes, “[...] ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como Outra/o, mas como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos da sociedade branca” (Kilomba, 2019, p. 78).

A sociedade racista é construída pela colonização das violências, muitas vezes gratuitas, pois: “[...] não é possível subjugar homens sem logicamente os inferiorizar de um lado a outro” (Fanon, 2021, p. 24), evidenciando o domínio que a branquitude exerce sobre as demais classes de subjetividades, que reverbera em um efeito dominador e extrativista. Dominador no sentido de se impor violentamente sobre o outro, como um ser superior por considerá-lo menor e extrativista na acepção de absorver a energia essencial de quem está fora do padrão, por meio de violentos processos de submissão ou de opressão (Fanon, 2021; Lorde, 2019; Oliveira, 2017).

A prática de preconceitos e discriminações contra pessoas com diversas expressões de orientações sexuais constitui manifestações da heteronormatividade, homens negros gays também sofrem com o racismo, como apontam os escritos de MeggRayara Gomes de Oliveira (2017). A autora ressalta que a instituição escolar foi construída com a percepção de gerar, reproduzir e manter um conjunto de elementos de dispositivos como discurso, valores e práticas que retroalimentam os padrões da cisheteronormatividade e do racismo (Oliveira, 2017).

Cabe destacar que o ato de se assumir homossexual requer uma série de negociações internas e externas por parte do indivíduo, há uma constante necessidade de avaliar os possíveis impactos que essa revelação pode ter em sua vida e em seus relacionamentos (Drescher, 2014). Assim, o processo de se assumir e sair do armário pode ser comparado a uma jornada de autodescoberta e afirmação, permeada por vitórias e perdas que deixam marcas indeléveis na vida e na psique de quem a percorre. É um ato que demanda coragem, pois as repercuções dessa autenticidade podem ser profundamente dolorosas, lançando o indivíduo em um turbilhão de emoções, onde o medo da rejeição, do isolamento e da discriminação muitas vezes se faz presente, impondo um desafio adicional à sua jornada de autodescoberta e aceitação (Drescher, 2014).

Essas circunstâncias interseccionam as opressões de raça e sexualidade (Akotirene, 2018) e implicam em uma significativa negação dos direitos humanos fundamentais, impedindo assim o pleno exercício da cidadania por parte desses indivíduos (Jesus, 2015).

Diante dessas experiências diversas e muitas vezes desafiadoras, as pessoas negras desenvolveram uma capacidade de transformar essas experiências em algo construtivo e positivo, pois, conforme Audre Lorde (2019): “[...] uma das mais básicas habilidades de sobrevivência das pessoas negras é a de mudar, de metabolizar a experiência, boa ou má, em algo que seja útil, duradouro, eficaz” (Lorde, 2019, p.173). E para isso se faz necessário reconhecer a si mesmo, seja como pessoas negras e/ou

pessoas gays, segundo a escritora: “[...] quando nos definimos, quando defino a mim mesma, o lugar em que sou como você e o lugar em que não sou como você, eu não a estou impedindo de unir-se a mim - estou ampliando suas possibilidades de união” (Lorde, 2019, p. 15).

Convém lembrar, que por meio da disseminação equitativa de vagas e promoção da igualdade de oportunidades (Souza; Brandalise, 2015), corrigem-se disparidades estruturais e supera-se a ausência de representatividade enfrentada por grupos que historicamente foram excluídos do ensino superior. Essa expansão de acesso é considerada como um meio de promoção da justiça social, dada a relevância da educação na construção da cidadania (Veras; Silva, 2020). Essas oportunidades não devem ser vistas como simples facilidades, mas sim como uma conquista de um direito que historicamente foi negado aos filhos de mães negras e pobres (Souza; Barbosa, 2016).

Percursos metodológicos

Essa pesquisa utiliza uma metodologia qualitativa, de caráter descritivo e crítico (Minayo; Costa, 2019), os dados foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas com estudantes negros gays cisgêneros da UFPI. Foram realizadas quatro entrevistas presenciais (duas na universidade e duas nas residências dos entrevistados) e duas sessões virtuais pela plataforma digital do *Google Meet*. As entrevistas tiveram a duração média de 1 h (uma hora) à 2 h (duas horas). O material gerado foi transscrito e devidamente analisado, separado por perguntas, observando em quais momentos os dados se cruzavam entre si para organizar os marcadores sociais de diferentes análises. A interseccionalidade foi utilizada como técnica de análise de dados, ancorada nos escritos de Akotirene (2018), de modo a possibilitar o aprofundamento das discussões sociais em nível micro, meso e macro.

A partir dessa compreensão, as análises se baseiam nos relatos dos participantes da pesquisa durante a investigação. Suas narrativas fornecem relatos de suas vivências, permitindo um exame dos tópicos em questão para que, dessa forma, seja possível perceber como ocorrem suas vivências de masculinidade negra gay e cisgênera no espaço universitário.

Narrativas de estudantes negros gays: como as cores aparecem na universidade

O primeiro contato foi com o participante R.A.S. A conversa fluiu tranquilamente e no processo de interação, foi feita a primeira pergunta: *Como você se sente e o que espera estudando em um curso superior na universidade?*

Me sinto muito orgulhoso, sensação de sonho realizado. Era algo desejado, mas que sempre me parecia muito distante, algumas vezes até impossível. Espero me formar superando as expectativas, por ser o primeiro da família a ingressar em um curso superior e também espero adentrar no mercado de trabalho e exercer a minha profissão (R.A.S., 2024).

Logo em seguida, após diálogo sobre a resposta, foi realizada a segunda pergunta ao participante: *Quais são as primeiras dificuldades que os negros gays encontram ao ingressar em um curso superior?*

Existem muitas dificuldades antes mesmo de entrar na universidade, principalmente na questão socioeconômica para se manter fora do ninho. Mas, com certeza, a primeira é conseguir entrar devido às adversidades da sociedade racista, machista e homofóbica, e depois de entrar, é ter que enfrentar esses desafios na instituição com tratamentos diferentes de preconceito e exclusão. Todavia, me sinto confiante e pronto para me adaptar e vencer nessa jornada (R.A.S., 2024).

As narrativas de R.A.S. demonstram uma clara satisfação por ter ingressado em um curso superior, o que indica que ele reconhece a importância dessa conquista para o seu futuro e para a sua família, um rompimento primário em seu contexto mais

próximo. Além disso, é perceptível em seu olhar uma expectativa positiva em relação às projeções para o futuro, mesmo ele estando ciente de que tal jornada não será fácil, pois reconhece que haverá diversos desafios a serem enfrentados ao longo de uma trajetória profissional.

Apesar das adversidades impostas pelo sistema social heteronormativo (Oliveira, 2017), R.A.S. mostra-se preparado para superá-las, uma vez que está disposto a enfrentar as normas e padrões estabelecidos pela sociedade, buscando trilhar seu próprio caminho e alcançar seus objetivos futuros.

As ideias de R.A.S. caminham em consonância com o pensamento de Audre Lorde (2019). Em vez de serem completamente consumidas ou derrotadas por essas experiências, elas são capazes de extrair lições, força e resiliência delas, transformando-as, essas experiências, em recursos que podem ser utilizados para enfrentar futuros desafios e prosperar na sua jornada. Ao ser questionado sobre *quais são as primeiras dificuldades que os negros gays encontram ao ingressar em um curso superior*, as suas falas evidenciam certo desconforto de quando era questionado por outros sobre sua orientação sexual.

Como um homem negro e que não tenho muito bem uma sexualidade definida, não me rotulo, posso garantir que as dificuldades que nós negros e também a comunidade lgbtqiapn+ sofrem são muitas. A primeira delas é a discriminação por maior parte da sociedade por querer criar uma hierarquia de raças e sexualidade que não existe, e por achar que somos inferiores por nossa cor de pele, ou sexualidade. Tendo como uma das maiores dificuldades a discriminação e o abuso, por acharem que somos frágeis e estamos vulneráveis. A sociedade e as próprias instituições, na maioria das vezes, nos inferiorizam, sofremos com o racismo, preconceito, homofobia entre outras dificuldades que passamos durante o curso superior e na vida em si. Eu sofro constantemente tanto na sociedade como na universidade, as pessoas questionando minha sexualidade, isso é algo arcaico. A sua sexualidade só diz respeito a você mesmo e mais ninguém. Então, existem inúmeros tabus e descasos na sociedade brasileira. Não se tem a acessibilidade para mulheres ou homens trans frequentarem banheiros, as pessoas não se importam. Não há proteção em caso de agressão ou homofobia, e a sociedade nos discrimina por sermos diferentes e não nos achar iguais a todos os outros (D.S.S., 2024).

A necessidade de vencer, de chegar ao topo e de se consagrar como um profissional que emergiu da zona rural, e retornar como alguém que venceu o sistema, é um sonho desse jovem aluno. No entanto, a sociedade racista e homofóbica, busca cercear aqueles que são considerados diferentes (Oliveira, 2017) e que não seguem o padrão normativo imposto pelo legado hegemônico de raça e orientação sexual. Nas primeiras respostas de D.S.S. não foi difícil entrever os diversos marcadores sociais que denotam as práticas de racismo e homofobia, conduzindo-o participante para um silenciamento da sua orientação sexual, como forma de invisibilizar e de se esconder das discriminações (Drescher, 2014).

É possível ainda trazer uma reflexão sobre os preconceitos e as discriminações enfrentadas, em detrimento da falta de conhecimento, entendimento e aceitação sobre raça e orientação sexual. A base deste argumento são as falas de D.S.S. quando relata que “na maioria das vezes nos inferiorizam, sofremos com o racismo, preconceito, homofobia entre outras dificuldades que passamos durante o curso superior e na vida em si”. Essa fala retoma os ensinamentos de Audre Lorde (2019) sobre a importância de reconhecermos os contextos onde estamos inseridos e provocar conexões interseccionais (Akotirene, 2018).

A cada novo encontro se descortinava um mundo de sonhos, vivências e inquietações no dia a dia desses alunos. Nessa direção temos a história de J.A.M.C., um jovem negro cisgênero, que estuda pela manhã, estágios e laboratório à tarde, e trabalha até meia noite. E como resposta para a primeira pergunta, que foi: *como você se sente e o que espera estudando em um curso superior na universidade?*, Ele relata que:

Acredito que todos, antes de entrar na universidade, vêm repletos de sonhos, desejos, e uma série de fatores que nos impulsionam a sair da zona, que nem sempre é de conforto. Eu me sinto pressionado na maioria das vezes, tendo em vista que posso muitas demandas, pois sou casado, trabalho durante a noite e estudo durante o dia. Quase que não rola essa entrevista... Eu espero me aprimorar cada vez mais no curso escolhido, me desenvolvendo e adquirindo mais conhecimentos. Quero fazer a diferença, quero ser alguém melhor do que fui ontem (J.A.M.C., 2024).

Em seguida, respondeu a pergunta: *Quais são as primeiras dificuldades que os negros gays encontram ao ingressar em um curso superior?*

Nos primeiros dias de quando entrei no curso escolhido, percebi vários olhares que não conseguia decifrar, não sei por conta da cor da pele, ou se por conta da orientação sexual, que me incomodaram profundamente. Mas creio que as pessoas questionam muito nosso caráter, nos julgam sem nos conhecer. É difícil também criar vínculos dentro da própria turma, pois algumas pessoas já possuem um conceito pré-estabelecido de quais pessoas elas desejam perto de si. Somos atirados ao isolamento social por alguns, mas acolhidos por outras classes que também se sentem desprezadas (J.A.M.C., 2024).

Diante dos relatos de J.A.M.C., observa-se que, assim como nos demais relatos, há necessidade de se qualificar em nível de graduação para se destacar como um bom profissional na área escolhida. O confronto com o isolamento e olhares discriminatórios foram queixas também pertinentes em outras entrevistas, nos levando a refletir sobre como o Racismo Cotidiano gera estranhamentos sociais e a imposição do lugar de Outro (Kilomba, 2019) para homens negros gays.

Essas são algumas das características centrais do racismo cotidiano, no qual as pessoas negras são frequentemente consideradas como distintas e estranhas, em relação ao padrão definido pelas pessoas brancas. A partir dessa percepção de diferença, muitas vezes resultante de tratamentos desiguais, marginalização e exclusão social, perpetua-se a ideia de superioridade branca e da subjugação dos grupos étnicos minoritários (Fernandes, 2013; Fanon, 2021; Almeida, 2020). São dinâmicas que reforçam as desigualdades estruturais e contribuem para a persistência do racismo sistêmico em vários eixos estruturantes da sociedade.

Por sua vez, J.A.S.L., ao começar a sessão de entrevista, brinca e fala: “*Sua entrevista hoje é com a bixa preta macumbeira!*”, mostrando coragem e convicção na afirmação de suas identidades. A entrevista aconteceu de maneira bastante colaborativa. Ao primeiro questionamento, relatou:

A Universidade é uma experiência única, que me proporcionou muitas mudanças enquanto ser social que busca mudanças para si próprio e para a educação do país. Eu acredito e espero por um futuro melhor, mais digno, igualitário, onde tenhamos oportunidades e a valorização dos nossos direitos humanos. Talvez eu não espere muito, ou espere... sei lá! Na verdade, a minha busca é para ter paz e ser tratado sem preconceito e discriminações (J.A.S.L., 2024).

Depois, responde à pergunta: *Quais são as primeiras dificuldades que os negros gays encontram ao ingressar em curso superior?*

Aqui nós temos dois fatores alvo de preconceito e discriminação: etnia e sexualidade. Ressaltando que eu ainda carrego um terceiro fator que é ser umbandista. Entretanto, esse terceiro fator não me causa constrangimento. A universidade é um espaço de inclusão, mas, infelizmente, como qualquer outro espaço, temos a infelicidade de ter pessoas que não respeitam o próximo, acredito que os olhares preconceituosos são os primeiros desafios de qualquer pessoa negra e gay, pois são devastadores (J.A.S.L., 2024).

Para R.A.S. e R.J.R.S, a falta de oportunidades oriundas do seu contexto social, bem como o preconceito enfrentado em todos os espaços e a homofobia apresentam desafios na graduação. A entrada pode ser afetada por barreiras socioeconômicas, acesso limitado a oportunidades educacionais de qualidade e desigualdades (Souza; Barbosa, 2016). A permanência pode ser afetada por preconceito, discriminação, falta de suporte emocional e acadêmico e falta de representatividade. Enquanto J.A.M.C. e H.L.S.M. enfatizam que permanecer se torna mais complexo do que ingressar, devido às muitas pressões no ambiente social.

Para J.A.S.L., infelizmente, vivemos em um país que ainda traz marcas e raízes coloniais firmes, e um dos vestígios disso é que ainda se vive em espaços acadêmicos extremamente homofóbicos e racistas, o que dificulta a entrada e permanência das pessoas negras e gays nas universidades. Ele ainda afirma que, por inúmeros fatores sociais, as pessoas negras têm menos oportunidades ao espaço universitário, apesar de ser um espaço de conquista a permanência do aluno, infelizmente depende de uma rede de apoio familiar que por questões de preconceito e homofobia. Os ingressantes ao

espaço universitário, por vezes, não podem contar com a rede de apoio mencionada, o que dificulta a permanência do aluno (Souza; Brandalise, 2015).

Nas palavras de D.S.S., o maior desafio de entrar e permanecer em curso superior é sua manutenção, por conta da discriminação, o abuso, a falta de direitos e de proteção. Também indica que a própria instituição, às vezes, cria dificuldades para barrar o acesso a seus serviços. Daí a necessidade da abordagem antirracista na estrutura e no conteúdo da educação superior, para promover a equidade e a justiça no cenário acadêmico (Vera; Silva, 2020).

Sobre como ocorreu a exteriorização das suas orientações sociais, foi realizado o questionamento: *Você se assumiu gay na universidade? Ou ela apenas lhe deu mais liberdade para viver sua orientação sexual? Por quê?*

No meu caso me deu mais liberdade e também foi um momento de aceitação, porque eu conheci mais pessoas como eu e pude aprender muito com elas (R.A.S., 2024).

Eu me assumi na universidade, pois como falei anteriormente me senti confortável e bem em um ambiente onde há outras pessoas como eu, cada uma com uma história diferente, porém todos passamos pela fase de sair do armário (R.J.R.S., 2024).

Me assumi com 14 anos, não aguentava o fardo de ter que me esconder. Em casa foi um pouco complicado, mas hoje em dia minha mãe (que é quem me criou sozinha desde sempre) é compreensiva e me entende do meu jeito. Na universidade pude sim explorar mais da minha sexualidade e entender melhor algumas questões que me assolavam (H.L.S.M., 2024).

Me deu mais liberdade, pois vivo longe da minha família, o que me gera mais segurança para mostrar quem sou de fato (J.A.M.C., 2024).

Não, ela apenas me deu maior liberdade, pois pude conhecer mais pessoas como eu e que não se importavam com qual seja a minha sexualidade, conheci e pude viver com mais pessoas igual eu, aprendi diversas coisas novas e pude me aceitar e me ver como quem realmente sou, e pela representatividade de muitas pessoas de se impor e mostrar sua força na universidade (D.S.S., 2024).

Sempre fui gay, nasci gay e vou morrer gay com muito orgulho do que sou e do que conquistei. Minha orientação sexual nunca foi um problema para

mim, mas só tive liberdade de falar sobre minha orientação depois que entrei na universidade. Quando passei a ter contato com outras pessoas que também eram gays assumidas, libertas de si mesmo, daí tive coragem de quebrar o armário, a porta, a janela e principalmente o tabu dentro da minha família. Pois todos sabiam, só era algo que não era falado, hoje celebro meu corpo e quem eu sou em qualquer espaço (J.A.S.L., 2024).

Com base nos depoimentos dos participantes, avalia-se que a universidade permitiu, para a maioria dos entrevistados, mais liberdade para viver e para se aceitar, “sair do armário”, e assumir sua orientação sexual de forma mais confiante. Esses dilemas conduzem o sujeito a uma demanda contínua de reflexões sobre o que revelar, para quem e em que contexto irá. Essas são dúvidas e decisões que perdurarão ao longo de sua existência (Drescher, 2014).

Nessa conjuntura complexa e multifacetada, a experiência de se assumir revela-se como um labirinto emocional e social, repleto de nuances e desafios que moldam profundamente a trajetória de vida de quem decide trilhá-lo. O ato de se assumir vai muito além de uma simples declaração de identidade; é um processo intrincado que pode desencadear uma série de mudanças, tanto internas quanto externas (Drescher, 2014; Oliveira, 2017). Ao dar esse passo corajoso, os indivíduos não apenas revelam sua essência mais autêntica, mas também confrontam estruturas sociais estabelecidas há tempos e encaram potenciais reações adversas por parte de seu círculo social e da comunidade de relações.

Contudo, para diversos indivíduos, o momento de se assumir transcende os limites do mero ato de revelar-se; é um ponto de virada que simboliza uma libertação, uma oportunidade de se despojar do fardo das expectativas alheias, de se despir das máscaras e artifícios que por tanto tempo foram utilizados para ocultar a sua identidade (Kilomba, 2019). É como abrir as portas de um armário empoeirado, deixando para trás os disfarces e as convenções sociais que antes os aprisionavam. Esse passo corajoso não apenas marca o início de uma jornada em direção à autenticidade, mas também inaugura um capítulo de relações mais profundas e íntimas.

Seguindo com as entrevistas, foi perguntado: *A cor da sua pele contribui como obstáculos e preconceitos?*

Sim, na maioria das vezes, sou o último escolhido dos grupos, dentre outras problemáticas que podem não ser só desencadeadas por isso, mas que pode ser um fator determinante (J.A.M.C., 2024).

Obstáculo, particularmente para mim, não, pois luto pelos meus direitos desde sempre (J.A.S.L., 2024).

A cor da pele não, mas sim a forma que as pessoas te veem por causa da cor da nossa pele (R.A.S., 2024).

Em certas ocasiões, sim. O racismo escrachado, ou aquele que tenta ficar oculto sempre serão questões que precisam ser trabalhadas no ambiente da universidade. Infelizmente, ele ainda existe e é um dos responsáveis pela evasão de pessoas negras na universidade (H.L.S.M., 2024).

Infelizmente, a cor da pele ainda é um fator que contribui para o preconceito e obstáculos enfrentados por nós negros, em diferentes esferas da sociedade, inclusive em ambientes educacionais. O racismo pode afetar a maneira como nós somos tratados e percebidos pelos outros, o que de certo modo pode interferir na minha vida acadêmica (R.J.R.S., 2024).

Com certeza isso acontece, desde os tempos da escravidão os negros sofrem na sociedade devido seu tom de pele, pois éramos tratados como objetos sem liberdade, não tínhamos direito a nada. Atualmente as coisas vêm mudando, porém ainda existem pessoas que tem uma visão de mundo arcaica e que acha que por sermos negros somos inferiores, então a resposta é sim, a cor contribui muito, pois como todos sabemos isso ocorre desde os tempos da escravidão, e até hoje existem pessoas que acham que isso não mudou (D.S.S., 2024).

O preconceito racial é uma forma de antipatia que se fundamenta em propagandas falhas e inflexíveis, que podem ser aplicadas a um grupo na totalidade ou a um indivíduo determinado, simplesmente por ele fazer parte de um grupo étnico específico (Oliveira, 2017; hooks, 2019; Almeida, 2020). Dando prosseguimento às entrevistas, realizou-se a pergunta: *Você se sente uma representatividade no curso superior?*

Sim, eu acredito que sou uma fonte de inspiração, pois sou militante dos direitos LGBTQIAPN+ e das causas raciais. Participo de movimentos sociais

dentro da universidade, e busco sempre me politizar para melhor viver, conviver e sobreviver nessa sociedade. (R.A.S., 2024).

Com toda a certeza, sim! Sou alguém que luta, que não se cala, que reage, que não leva desafetos para casa, e jamais permitirei que outras pessoas tentem me diminuir como pessoa (J.A.S.L., 2024).

De certa forma, sim. Fazer parte de coletivos negros também ajuda a segurar a barra em alguns momentos. Partilhar suas vivências com pessoas que provavelmente passam pelas mesmas coisas que você ajuda (H.L.S.M., 2024).

As vezes sim e as vezes não, de modo geral alguns cursos lutam e batalham mais pelos direitos dos negros e gays como a história, já outros pouco ligam para as causas (R.J.R.S., 2024).

Acredito que sim, pois luto e tento mostrar as pessoas quando converso que quero ser influência na vida de todos e uma representatividade de maneira geral, inspirar jovens como eu a lutar e não desistir das batalhas apesar dos obstáculos, acho que como sendo um dos únicos negros do curso de matemática na ufpi de picos e ainda lgbtqiapn+ sinto que represento algo é inspiro algumas pessoas a também não desistir (D.S.S., 2024).

Sim! Principalmente em um curso elitizado como a Nutrição, onde a maioria é toda de pessoas brancas e elitizadas (J.A.M.C., 2024).

No cenário acadêmico, junto aos grupos minoritários, a representatividade é importante em diversos contextos, sejam nos movimentos políticos, na mídia, na cultura e em outros aspectos da sociedade (hooks, 2019; Jesus, 2015). A representatividade desempenha um papel imprescindível, principalmente na fase das descobertas e da formação das identidades de gênero e orientação sexual, que muitos alunos, ao entrar na universidade, veem-se nesses conflitos pessoais. Dessa forma, ter modelos que refletem suas próprias características e experiências podem ajudar a fortalecer a autoestima e autoaceitação a partir da perspectiva de vermos pessoas negras bem-sucedidas em posições de destaque que compartilham semelhanças conosco, sentimos que também podemos alcançar nossos objetivos (Collins, 2019).

Neste sentido, o percurso em busca da auto aceitação se revela como uma trilha sinuosa, repleta de desafios e obstáculos que testam a resiliência e a determinação de homens negros gays dentro da universidade. A representatividade é fundamental para que o aluno se sinta incluído e pertencente a um determinado grupo, seja ele social, cultural ou de qualquer outra natureza (hooks, 2019). Assim, possa vislumbrar alternativas às opressões racistas e homofóbicas. Pois estando relacionada à necessidade de inclusão e reconhecimento da diversidade nos espaços educacionais, permite que diferentes perspectivas e identidades sejam adequadamente refletidas e consideradas (Souza; Brandalise, 2015; Jesus, 2015), visto que, quando nos sentimos (bem) representados por alguém ou por uma expressão humana, conseguimos nos identificar com aquilo que está sendo transmitido e compartilhado.

Contudo, é importante ressaltar que essas jornadas também possuem momentos de celebração, gratidão e empoderamento. Assim, cada passo rumo à autoaceitação não só fortalece o vínculo consigo mesmo, mas também cria um espaço fértil para a construção de relacionamentos autênticos e enriquecedores, baseados na compreensão e no respeito mútuo.

Considerações finais

Para se alcançar a compreensão dessa realidade multifacetada, mediada por uma análise mais aprofundada das diferentes perspectivas de racismo e homofobia confrontados pelos negros gay na universidade, procurou-se trazer uma clareza do enfrentamento discriminatório da pele que se habita. Ao passo que foi possível identificar de que modo os acadêmicos exercem suas masculinidades negras gays como meio de resistência e a naturalização das diferenças devido à cor da pele, tipo de cabelo, fatores entendidos como obstáculos e preconceitos. Também externa como se processa a construção do racismo e da homofobia no cenário universitário, sendo notório que no

ambiente acadêmico, os alunos negros gays se deparam constantemente com diversas formas de violências que estão fortemente enraizadas em todas as esferas da sociedade.

Uma vez que as escolhas metodológicas e teóricas realizadas ao longo da pesquisa desempenharam um papel crucial na habilidade de organizar e examinar minuciosamente um conjunto de dados empíricos tão vasto e intrincado, foi possível imergir nas lembranças compartilhadas pelos participantes, retratando uma conexão profunda entre suas narrativas, com vistas aos relatos frequentemente relativos à solidão vivenciada e os momentos em que foram silenciados por olhares, expressões ou situações preconceito e racismo, tanto dentro quanto fora do ambiente universitário.

As análises da pesquisa revelaram que as masculinidades negras gays são profundamente moldadas pelos espaços que frequentam e pela forma como são percebidas e aceitas nesses ambientes, pondo em evidência o processo de exclusão, segregação, racismo, homofobia, preconceito, discriminação e violências, baseadas na raça e na orientação sexual dos participantes. Opressões comuns no ambiente acadêmico e também fora dele, destacando que são amparados por estruturas sociais em detrimento da ausência de suporte e proteção para as vítimas negras gays.

Em todas as entrevistas realizadas, os relatos dos estudantes negros gays, revelaram uma lacuna significativa no que diz respeito ao acolhimento oferecido pela instituição, ao passo que muitos se sentem desamparados, excluídos e sem orientação, sem sentimento de pertencimento, lançados à própria sorte em um ambiente que muitas vezes é hostil e lhe causa adoecimento físico e mental.

Este trabalho, portanto, propõe uma discussão mais aprofundada sobre as complexidades da construção das masculinidades negras e gays na academia ao ouvir os relatos dos participantes da pesquisa. Os relatos de homens negros gays denunciam a necessidade de se reconhecer suas lutas pela permanência nos espaços acadêmicos e a construção de políticas públicas e práticas educacionais mais inclusivas e equitativas. Ademais, as ações afirmativas não devem se limitar apenas ao ingresso do discente, mas devem abranger todo o percurso acadêmico, visando não apenas a sua inclusão, mas

também a promoção da ascensão social e do acesso às oportunidades para toda população acadêmica negra.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte, Letramento: Justificando, 2018.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro.** Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DRESCHER, J. O que tem em seu armário? In: LEVOUNIS, P.; DRESCHER, J.; BARBER, M. E. (Org.). **O livro de casos clínicos LGBT.** Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 21-33.
- FANON, Frantz. **Racismo e cultura.** São Paulo: Editora Terra sem Amos, 2021. Disponível em: <https://terrasemamos.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/04/frantz-fanon-racismo-e-cultura.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Editora Globo, 2013.
- GARCIA, F. A. D. C.; JESUS, G. R. Uma avaliação do sistema de cotas raciais da Universidade de Brasília. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 26, n. 61, p. 146-165 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18222/eae266102773>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE. **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal, 10639/2003. Brasília: Ministério da Educação, v.2, p. 39-62, 2005.
- hooks, bell. **Olhares negros:** raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Cassiano Celestino de. Homossexualidades nas Escolas: as concepções de educadores acerca da homofobia no contexto escolar. **Boletim historiar**, n. 8, mar./abr., p. 19-32, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/3712>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação:** Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LORDE, Audre. **Irmã Outsider.** Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editor, 2019.
- MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. **Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: pesquisa qualitativa em ação.** Aveiro: Ludomedia, 2019.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação.** 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2017. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/47605>. Acesso em: 20 mar. 2025.

PIOVESAN, F. Ações afirmativas sob a perspectiva dos direitos humanos. In: SANTOS, S. A. (Org.). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade, 2005.

PEREIRA, G. L. M. Lei de cotas nas universidades: constitucionalidade e necessidade. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 17, n. 3365, 2012. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/22632>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOUZA, A. C.; BRANDALISE, M. Â. T. Democratização, justiça social e igualdade na avaliação de uma política afirmativa: Com a palavra, os estudantes. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 23, n. 86, p. 181-212, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362015000100007>. Acesso em: 20 mar. 2025.

SOUZA, F. D. S.; BARBOSA, J. O alcance das ações afirmativas e o discurso do mérito na universidade estadual do sudoeste da Bahia-UESB. **Revista Eletrônica Geoaraguaia**, v. 6, n. 2, p. 61-94, 2016. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4903>. Acesso em: 20 mar. 2025.

TAVARES, André Ramos. **Curso de Direito Constitucional**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

VERAS, R. M.; SILVA, D. D. L. A democratização do acesso ao ensino superior no Brasil é um instrumento de justiça social? Possibilidades e desafios na formação de professores. **EccoS**, v. 54, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/eccos.n54.17325>. Acesso em: 20 mar. 2025.

VIEIRA, K. E.; DELL'AGLI, B. A. V.; CAETANO, L. M. Desempenho acadêmico de alunos cotistas antes da Lei de Cotas: Revisão. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 17, n. 1, p. 1-10, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5892/ruvrd.v17i1.5158>. Acesso em: 20 mar. 2025.

In the skin that one inhabits: experiences of gay black men at university

Abstract: The general aim of this research is to analyse the experiences of black gay students when they enter under graduate courses at the Federal University of Piauí. It uses a qualitative, descriptive and critical methodology. The data was produced through semi-structured interviews with cisgender black gay students at UFPI. Face-to-face interviews and virtual sessions were held using the Google Meet digital platform. The accounts of cisgender black gay students contribute to a broader understanding of the intersectionalities between race, gender and sexuality in higher education and how these intersections shape students' experiences and opportunities, reaffirming and breaking down historically established social roles. The interviewees' statements also reveal the processes of reproduction of racism and homophobia in the university setting, as black gay students are constantly faced with various forms of violence that are socially rooted.

Keywords: Black gay men. Higher education. Black students. Intersectionality.

Recebido: 21/07/2024

Aceito: 01/03/2025